

OS MORTOS ESTÃO VIVOS: A INFLUÊNCIA DOS DEFUNTOS NA VIDA FAMILIAR SEGUNDO A TRADIÇÃO *BANTÚ*

THE DEATHS ARE ALIVE: THE CORPSES INFLUENCE IN THE FAMILIAR LIFE ACCORDING TO THE *BANTÚ* TRADITION

Brígida Carla Malandrino

Doutora em Ciências da Religião - PUC/SP, UNIBAN

brigidamalandrino@terra.com.br

Resumo: A África Subsaariana é composta principalmente por grupos que pertencem à tradição *bantú*. Podemos dizer que dentre os grupos de tradição *bantú* existem alguns eixos fundamentais presentes em todos eles, como, por exemplo, a presença dos antepassados na vida cotidiana. Este trabalho tem como objetivo discutir de que maneira os antepassados influenciam a existência daqueles que estão vivos em Maputo. Se por um lado, a história de Moçambique fez com que esta família se dispersasse, fazendo com que as pessoas deixassem as suas localidades, o que influenciou sobremaneira as ressignificações religiosas e a tradição, por outro lado é a relação com os antepassados, como membros ativos da família, que auxiliam na manutenção de aspectos importantes da religiosidade tradicional no século XXI. Podemos, inclusive, levantar a hipótese de que a presença dos antepassados na vida cotidiana é um aspecto de sobrevivência cultural.

Palavras-chaves: tradição *bantú*, antepassados, Moçambique, sobrevivência cultural

Abstract: The sub-Saharan Africa is composed basically by groups whom belongs to the *bantú* tradition. We can say that between the *bantú* tradition groups there are some main points presents in all of them, as, for example, the presence of the forefathers in the daily life. This work has the objective of discussion the way of the forefathers influence the existence of those are alive in Maputo. From one side, the Mozambique's history produced the disbandment of the family, doing people left their places, what influences in a excessively way the religious resignifications and the tradition, on the other hand, it's the relation with the forefathers, as active members of the family, that helps in the maintain the importants aspects of the traditional religion in the century XXI. We can, inclusively, raise the hypothesis that the presence of the forefathers in the daily life is an aspect of the cultural survival.

Key-words: *bantú* tradition, forefathers, Mozambique, cultural survival

1. Introdução

Durante o mês de julho de 2009 estive em Maputo, Moçambique, para realizar parte do trabalho de campo do meu doutorado em Ciências da Religião a respeito das dimensões utópicas das expressões da religiosidade *bantú* no Brasil. A ida à África serviu para que eu fizesse o trabalho de campo e, de certa forma, desmistificasse aquilo que entendia como “jeito africano”, tendo claro que, naquele momento, o meu entendimento a respeito da tradição *bantú* dava-se basicamente de maneira teórica.

Moçambique encontra-se naquilo que se convencionou chamar de África Subsaariana, composta majoritariamente por grupos que pertencem à tradição *bantú* (Mello e Souza, 2006; Lopes, 2006; Mattos, 2007). Apesar das diferenças existentes entre os grupos regionais, o que ocorre em Maputo, se observa, principalmente, as tradições *ronga* e *changana*. Por outro lado, podemos dizer que entre os grupos de tradição *bantú* existem alguns eixos fundamentais, que permitem que encontremos semelhanças entre eles. Como afirmou uma das minhas entrevistadas, dentro de cada localidade, cada família tem algo que a identifica por meio de usos e costumes, o que lhe confere características próprias. O que faz com que elas sejam diferentes é a forma como cada uma delas se expressa: cada qual se dirige aos antepassados de determinada maneira (Cf. P., entrevista, 13/07/2009, Maputo).

A grande maioria das pessoas com as quais conversei possui a idéia de que a tradição familiar ainda se mantém inalterada no interior do país, o mesmo não acontecendo na capital Maputo, uma vez que no interior, como Gaza ou Pemba, as pessoas ainda se organizam conforme a localidade. É perceptível, em Maputo, as ressignificações pelas quais passou a tradição, mas é, no mínimo, temerário dizer que ela não está presente, nem que seja de uma maneira subliminar, existindo de forma paralela à cultura dominante, porém coexistindo com ela. A subliminaria paralela da tradição, no nosso entender, foi a forma encontrada pelas pessoas de tradição *bantú* de manterem as práticas culturais que consideram relevantes.

2. Breves comentários a respeito da história de Moçambique

A história de Moçambique deve ser entendida como uma história de resistência. Atualmente, há um esforço de reconstrução do país depois de um passado de colonização, de exploração e de duas guerras. Cabe lembrar que Moçambique foi colônia de Portugal até a década de 70 e só conseguiu sua independência depois da guerra. Logo em seguida, quando o

Último Andar (19), 1-70, 2º Semestre, 2010 – ISSN 1980-8305

novo governo assumiu, com uma tendência marxista, o que implicou em tentativas de abolir a religião, fato que foi explicado por algumas noções de Marx a respeito da religião (Cf. Löwy, 1996; Assmann, Mate, 1974). Tal situação gerou uma guerra civil que perdurou por trinta anos. Portanto, Moçambique só encontra-se em paz e dentro de uma democracia há aproximadamente quinze anos. Conforme coloca um de nossos entrevistados:

Sim, afetou de fato de uma forma quase que brusca. Primeiro, porque a população não compreendia quase nada da política. O colono não queria meter as pessoas a entender a política para evitar, exatamente, essas revoltas, para elas não reivindicar a independência, mas havia metido muito a população na questão religiosa e então quando dá-se a independência, há essa libertação. Então houve choques na parte da religião, na parte tradicional. E na parte da religião houve exatamente a coisa, posso dizer, a interdição de culto voluntário. As pessoas eram ocupadas, principalmente nos dias em que tinham que ir à Igreja, pois, dizia-se até muitas vezes não, não há, não há Deus e se nós não tivéssemos pegado na arma a combater, Deus não vinha nos dar liberdade. Sei que havia esse tipo de interpretação e de fato positivo, foi que muitas pessoas, que também, talvez, não estivessem com muita fé, dispersaram-se. (T., entrevista, 14/07/09, Maputo)

Portanto, atualmente, o que se observa em Maputo são dois fatos interessantes.

O primeiro deles fala de uma cidade em reconstrução, tanto no sentido de vermos automóveis, ruas, avenidas e prédios em obras, o que nos dá a impressão de certo caos; quanto no sentido de observarmos um salto tecnológico. Por exemplo, chama a atenção o fato de existirem poucos telefones fixos, enquanto que os celulares estão espalhados por toda população, além de uma facilidade ímpar em comprar “chips” e créditos (coisas que fazemos pelas ruas da cidade). Ou ainda um serviço de correios incipiente, que não se consolidou ao longo dos anos.

O segundo deles nos mostra uma tradução identitária, uma vez que a duplicidade é algo presente em grande parte da população. Há uma duplicidade de nome, uma vez que grande parte das pessoas em Maputo possui dois nomes – o tradicional e o da cédula. Também há uma duplicidade de línguas – o português como língua oficial e a língua tradicional – no caso de Maputo, principalmente *changana* ou *ronga*. A duplicidade também está presente nos costumes, já que não basta casar na religião cristã e no civil, mas é necessário fazer o casamento tradicional – lobolo (Cf. Cipre, 1996; Junod, 1974; Ribeiro, 1998). A duplicidade característica de Maputo também pode ser vista nos cultos cristãos. No nosso caso, assistimos à uma missa católica. Apesar de ser rezada em português, nos

momentos importantes da missa, como a homilia e a leitura do Evangelho, estas ações são feitas em português e também em *ronga*. Isto porque muitas pessoas presentes não entendem o português. Outro aspecto importante desta duplicidade, é que ela não ocorre apenas em Moçambique. Também na África do Sul - Johannesburgo - há a duplicidade de línguas: fala-se o inglês, bem como o *zulu*. Em conversa com um motorista, o mesmo me perguntou que língua, além do português, é falada no Brasil. Eu disse que nenhuma outra.

Retomando a história de Moçambique, podemos supor que o que houve se deve ao fato de que as pessoas de Moçambique tiveram a sua tradição negada por duas vezes. Uma delas, quando os portugueses chegaram com o seu projeto de colonização e de evangelização, buscando convertê-los. E a outra, quando o governo, de tendência marxista, entendeu que a tradição causava a alienação do povo e tentou fazer com que as pessoas a suprimissem. Porém, a cidade em reconstrução e a duplicidade encontrada, no nosso entender, apontam para sobrevivências. Sobrevivências que se dão em vários âmbitos da vida das pessoas. Uma dessas sobrevivências, que trabalhamos neste artigo, é a relação familiar com os antepassados, que ainda é mantida em Moçambique. Para falarmos a respeito da relação entre os vivos e os antepassados, desenvolveremos três tópicos. O primeiro a respeito das três leis da tradição *bantú*, que situam os antepassados e os vivos dentro da hierarquia, explicando a relação mantida entre eles; o segundo, a concepção de antepassados dentro da tradição *bantú* e, por fim, o culto aos antepassados propriamente dito – a *mhamba*.

3. Sobre defuntos (antepassados) e vivos

3.1 As três leis da tradição *bantú*

Altuna (1985) divide a tradição *bantú* em três grandes leis:

Lei da Hierarquia dos Seres - a Pirâmide Vital: os mundos visível e invisível estão unidos por relações vitais com intercâmbios permanentes, sendo que a hierarquia da vida envolve os dois mundos. No mundo invisível, no topo, está o Ser Supremo, que é fonte de vida e de todas as suas modalidades; depois os antepassados; os mais categorizados são os fundadores do gênero humano, fundadores dos grupos primitivos e de algumas famílias. Depois os espíritos ou os gênios, que estão localizados em lugares ou em objetos materiais, tendo uma influência poderosa sobre os seres humanos. Logo após, os demais espíritos, que

Último Andar (19), 1-70, 2º Semestre, 2010 – ISSN 1980-8305

podem ser benignos ou malignos, interferindo no mundo visível. Já o mundo visível é integrado por forças pessoais e impessoais. A força pessoal é o ser humano, centro da pirâmide e único existente ativo inteligente, capaz de aumentar sua vida e de dominar as forças inferiores. O rei ocupa o vértice, segue-se: o chefe de tribo, a comunidade, a família, os especialistas da magia e os anciãos. As forças impessoais repartem-se por ordem hierárquica: animais, vegetais e minerais. Estes reinos são constituídos de vida e de energia, uma vez que prolongam o seu dono e sua finalidade é servir ao ser humano, acrescentando-lhe a vitalidade com sua contribuição. Na base da pirâmide são colocados os astros e os fenômenos da natureza, que também encerram um princípio vital, que pode ser manejado pelo ser humano.

Lei do Crescimento ou Diminuição do Dinamismo Vital: a vida dos seres criados é susceptível de crescimento e de diminuição. Pode ser aumentada, diminuída ou perdida, o que depende do manejo e da apropriação de outras forças. A transformação pode gerar um novo modo de ser. O ser humano com o seu dinamismo vive aberto à interação:

Todos os homens são capazes de reforçar ou diminuir o ser de outro homem. O mesmo podem conseguir os seres inferiores impessoais, e qualquer ser racional habitante de um dos dois mundos, se actua sobre uma força inferior que serve de meio, pode influir indirectamente em outro ser racional. (Altuna, 1985, p. 63)

Cada membro é consciente que não vive uma vida egocentrada ou individualista, mas a vida em comunidade que se individualiza em cada novo ser. Cada grupo de parentesco é uma unidade de comunhão, uma comunidade solidária, socialmente eficaz, indestrutível e amparadora. Os vivos e os mortos e os vivos entre si são unidos verticalmente e horizontalmente pela vida, realizando uma comunhão participante na mesma realidade que os solidariza. Com os antepassados, o ser humano está ligado vitalmente através da solidariedade vertical, originária, sagrada e constante; com os membros vivos do grupo ele está ligado pelo mesmo sangue, sendo esta ligação chamada de solidariedade horizontal.

A solidariedade vertical é a relação com os antepassados e descendentes, que gera uma comunhão com a vida, a união vital em uma idêntica realidade. O laço de união vital não se rompe com a morte, permanecendo indissolúvel. Não existe separação entre os vivos e os mortos, havendo uma continuidade qualitativa vital. Os mundos visíveis e invisíveis se encontram em comunhão – na participação e na interação, pois o morto continua vivendo na sua descendência. A pessoa fica aniquilada quando rompe o laço vital com os antepassados ou com os outros membros da comunidade.

Último Andar (19), 1-70, 2º Semestre, 2010 – ISSN 1980-8305

Lei do Dinamismo Vital: interação e interdependência. O Ser Supremo marcou para todos os seres a lei da interação e interdependência do dinamismo vital como consequência da lei da participação. Entre os seres existe uma interação de vida, que os sustenta. Nada se move sem influir com seu movimento em outros seres. “Toda a força vital superior pode influir noutra inferior. Porque todos os seres estão ligados, a criação inteira se move num sistema de relações activas . Os seres influem uns nos outros segundo a modalidade marcada e o seu grau de energia” (Altuna, 1985, p. 61). Ele se encontra em relação íntima e permanente com outras forças. Nenhum ser criado existe independente dos demais, vive receptivo e exposto a um aumento ou a uma diminuição da sua vida. Apenas o Ser Supremo não pode ser influenciado.

3.2 A concepção de antepassados dentro da tradição

Baseados nas leis da tradição *bantú*, é possível afirmar que o espírito é a pessoa na condição de falecido. O espírito é alguém que viveu no mundo visível e já passou pela morte, o que gerou uma transformação profunda, que lhe proporcionou uma nova maneira de ser. Apesar de ele se encontrar no mundo invisível, o espírito continua a ser membro da comunidade e do grupo familiar a que pertencia durante a vida. O fato dos antepassados desempenharem a função de intermediários entre o Ser Supremo e os seres humanos, faz com que tenham poderes, mas limitados, pois dependem da sua união com a força vital e com o Ser Supremo. De qualquer forma, são superiores aos seres humanos, capazes de intervir com eficácia em assuntos que os seres humanos não conseguem enfrentar.

Entre os *bantú* a onipresença dos antepassados é total. Eles não só continuam a fazer parte da comunidade dos vivos, como asseguram a sua importância. Os mortos ao passarem pela agonia individual da morte adquiriram um conhecimento mais profundo do mistério e do processo de participação vital do universo. O antepassado é importante porque deixa uma herança espiritual sobre o mundo visível, tendo contribuído para a evolução da comunidade ao longo da sua existência e, por isso, é venerado. Ele atesta o poder do indivíduo e é tomado como exemplo, não apenas para que suas ações sejam imitadas, mas para que cada um de seus descendentes assumam com igual consciência suas responsabilidades. Por força de sua herança espiritual, o antepassado assegura tanto a estabilidade e a solidariedade do grupo no tempo, quanto sua coesão no espaço.

Nem todos se tornam antepassados. Quando alguém morre, a princípio, simplesmente morreu. Para alguém se tornar um antepassado, ele precisa se manifestar em alguém. Essa manifestação se dá através da possessão, quando o antepassado envia uma mensagem. A voz é da pessoa e o tipo de relação que estabelece com as pessoas é a relação que estabelecia quando estava viva. Estabelece-se uma relação de dependência entre o vivo e o morto: os mortos zelam pelos vivos e os vivos pedem coisas a eles.

Assim, dentro da tradição *bantú*, basicamente, podemos dizer que há dois tipos de espíritos. Um deles (em língua *changana*) é o *xi'kwembu* (espíritos dos antepassados) e *swikwembu* (espíritos que fazem o mal):

Xi'kwembu é quando se trata de deuses, quer dizer, os mais velhos que são considerados e também já falecidos, considera-se que estão próximos de *Xi'kwembu* que é Deus. Portanto acredita-se nos *xi'kwembu*, que no *Xi'kwembu* que é ente superior que governa o *Xi'kwembu*, por isso quando se faz a cerimônia com o aquilo que bom erradamente nós traduzimos missa porque missa só pode ser na Igreja, mas porque muita das vezes, os primeiros padres nossos aqui, traduziram erradamente que *xi'kwembu*, aliás, missa era *mhamba*, mas que *mhamba* é dirigida, exatamente, a *xi'kwembu*, para esse(s) *xi'kwembu* fazerem chegar à preocupação dos seus, portanto sucessores a Deus, sim. Então principalmente por causa disso sabe-se que ver o Deus é sempre bom e tudo que é mal é de alguns *swikwembu* que quando estão enfurecidos, quando estão, que não estão de acordo com aquilo que é a vida dos seus familiares até podem provocar as maldades, então estão ao serviço de demônio... (T. entrevista, 14/07/09, Maputo)

Alguém quando morreu tornar-se uma pessoa boa ou ruim, depende da vida que levou, da sua vida na família, do relacionamento que estabeleceu na família alargada, no tipo de intervenção que fez nos problemas sociais. Além disso, o bem e o mal podem coexistir em uma mesma pessoa, dependendo da forma como ela atua em cada família. A tradição *bantú* é dialética. Um espírito pode ser um protetor dentro da sua família, mas alguém ruim para outra família:

Ninbembe, esse nome é, como eu posso dizer, é dum, dum avô ou um ancião.

Esse nome do senhor é do avô do senhor?

Sim, sim e até por não ser o meu próprio avô, mas o avô do meu pai que eles querem perpetuar exatamente esses nomes, sim, e então, e se estiver vivo muito bem, se ele já é falecido é o, é o defunto é protetor da minha pessoa, pode ser até o meu anjo da guarda, sim.

Então deixa eu entender. O senhor teria um defunto que é o avô do seu pai, no caso do senhor, que protege o senhor o tempo todo?

O tempo todo.

Ele tá aqui com o senhor?

Ta aqui comigo, até a minha morte.

Mas como é que o senhor sabe que ele tá aqui ou o senhor não, o senhor sente que eles ta aqui?

Hum, sinto não, mas pela explicação, ensinamento que está ligado exatamente com a religião tradicional, sei que ele está, sim, ele está. (T. entrevista, 14/07/09, Maputo)

O que podemos observar com aquilo que foi colocado acima é que a presença dos defuntos (antepassados) na vida daqueles que estão vivos é cotidiana, seja no sentido de proporcionar o bem e garantir a boa ventura, seja, muitas vezes, no sentido de causar o mal. Ocorre que o antepassado de uma família pode ser um espírito que causa a desarmonia em outra. Sabemos também que a interação entre antepassados e vivos é, normalmente, mediada pela magia. Como os grupos de tradição *bantú* entendem que o natural é que as coisas sejam boas, os acontecimentos que fogem da previsibilidade normalmente são atribuídos à ação dos espíritos maus:

São, são esses também, estão também, estão inclusos porque o que acontece é que quando há uma epidemia de fome, de, sei lá, pragas, de bicharadas que dizimam as culturas e outras coisas faziam-se cerimônias e a localidade que está em volta, por exemplo, daquele lago reúne todos os líderes tradicionais, matando-se os animais que vai se sacrificar ali e bebidas tradicionais. Invocam-se aqui os espíritos todos e pedem que intercedam por aquela população toda junto aos *xi'kwembu* para ver se essa praga desaparece. E se é falta de chuva cai a chuva, se é fome desaparece etc. etc. etc. e muito das vezes, tradicionalmente, em algumas regiões do interior acontecia isso assim. Eu, por acaso, assisti a uma cerimônia no Vale, que isto foi nos anos cinquenta e cinco. Houve exatamente uma seca enorme, depois havia aqueles gafanhotos que dizimavam as pessoas, não chovia etc. Então eu assisti essa cerimônia do regulado, estava dizendo que assisti uma cerimônia no Vale do (?) que mobilizou todo o regulado dali da zona e desde seis horas até as quinze da tarde estiveram ali a tocar batuque e a cantar aqueles, aquelas canções guerreiras e aquelas que sabem que são dos mais antigos. E mataram aí uma coisa de cinco cabeças, toda a população esteve ali, não sei quanto, e a pedirem exatamente aos *xi'kwembus*, nesse caso, que já, como é que podia dizer, usavam como intermediário o régulo mais antigo que dominou ali. Então usavam, exatamente, um intermediário aos *xi'kwembus* a pedir, exatamente, que chovesse porque a população estava a morrer de fome. Olha o que eu saiba é que de fato às quinze horas eles saíram dali cada um em debandada porque já havia trovoada, chuva em todo canto. É verdade, então, bom, eu vi por Deus os *xi'kwembus*. Também atendem a forma daqueles que, ignorantemente, não conhecem outra forma de adorar, mas aquela manifestação acho que foi, foi, exatamente, aceita porque o que eles pediam aconteceu. Sabe, então deduzi, foi uma das cerimônias que eu assisti, que vi diretamente, os *xi'kwembus* na sua força podem, exatamente, persuadir o povo...

Mas, por exemplo, quando o senhor assistiu a essa cerimônia, o senhor entende que quem fez chover foram os *xi'kwembus*?

Ah! Porque eles e a cerimônia que entendi que, pronto, foi exatamente e mesmo agora posso dizer que, como eles não tinham outra forma, exatamente, de como pedir ou como

constataria a sua forma de rezar era aquela, ia, eu acredito que Deus entendeu. (T. entrevista, 14/07/09, Maputo)

Tanto os antepassados quanto os espíritos que provocam o mal tem sua ação percebida através da magia cotidiana. Porém, em grande parte das vezes, é através do culto aos antepassados (*mhamba*), quando a comunicação acontece, que os anseios dos antepassados podem ser aplacados e seus desejos atendidos, como forma de recuperar a harmonia e a bem-aventurança que pode ter sido perdida.

3.3 *Mhamba*: um culto familiar

A *mhamba*, ou o culto aos antepassados, ocorre nas principais fases do ciclo vital: nascimento, iniciação, casamento, doença e morte; nos ciclos da natureza; e em determinados momentos importantes da vida social, por exemplo, inauguração de uma nova aldeia ou eleição de um novo chefe. Além disso, há situações especiais na vida da pessoa que é aconselhada a realização do culto: doença, desgraça, ajuda na resolução de uma grave necessidade e antes de uma viagem importante. Também é feito quando os antepassados pedem o sacrifício, através de sonhos, de fenômenos místicos ou de algum acontecimento significativo.

É na clareza da interdependência entre vivos e mortos que se acha a fonte de motivações para a celebração da *mhamba*. A iniciativa de celebrar os parentes cabe sempre aos antepassados. São eles que pedem e exigem que se celebre a *mhamba*. Muitas vezes, os antepassados se servem da linguagem do sofrimento: doenças persistentes nas famílias do clã e falta de sorte. As pessoas afetadas por estes sinais consultam o adivinho para interpretar o verdadeiro sentido e significado de tais sinais. É revelado que um antepassado está insatisfeito, ou seja, tem fome, sente-se esquecido e abandonado (fora) do convívio familiar e pede comida. O resultado é comunicado ao chefe familiar que toma as medidas necessárias para a celebração.

Não há um sacerdócio institucionalizado. Os chefes dos grupos familiares assumem as funções sacerdotais. O clã é a base da organização social. Por clã entende-se um conjunto de famílias descendentes de um antepassado comum. Além disso, cada grupo familiar tem o seu altar de culto. Segundo P. (entrevista, 13/07/09, Maputo), a família tem sempre um altar em

casa, que, normalmente, fica embaixo de uma árvore. Essa árvore sempre tem que estar dentro do terreno da família, no caso dos antepassados, que, muitas vezes, podem escolher o local. Se for um altar que tem que ser feito para um espírito maligno para aquela família e, muitas vezes, cobra uma dívida, o local fica fora da propriedade.

Portanto, o culto aos antepassados pode ser considerado uma oferenda direta a estes e, indireta, ao Ser Supremo: “O sentido disto é, segundo me parece, considerar-se Deus tão poderoso e misterioso e o homem tão miserável e necessitado que, sendo tão grande a distância entre os dois, é necessária a mediação dos antepassados” (Martinez, 1989, p. 265). Através dele, o ser humano entra em contato direto e de maneira privilegiada com aquilo que dá consistência, unidade e garantia ao próprio ser, a força vital, por meio da mediação necessária dos antepassados.

A *mhamba* possui duas vertentes: 1) lembrar os defuntos; 2) executar sacrifícios.

A **cerimônia de recordação dos defuntos** tem como objetivo lembrar as pessoas da família que já morreram. Inicialmente, a cerimônia mostra-se triste, depois se oferecem comidas e bebidas, fazem-se as limpezas das campas, há danças e cantos. Tem que haver um sinal dos defuntos que acolheram as oferendas, como, por exemplo, chover. O chefe do clã faz a comunicação. É pedido a todos para rezarem, para prepararem melhor os valores da contribuição, que pode ser dinheiro ou produtos. A preparação da cerimônia dura aproximadamente dois ou três dias e essa preparação tem que ocorrer em paz, sem briga, por causa dos nomes que cada indivíduo carrega. Se as pessoas vivas, com os mesmos nomes, não se entendem, significa que os defuntos do mesmo nome também estão em briga. O antepassado que tem o nome em um descendente, está vivo na família. É um protetor, um defensor. A ligação dentro da família é mais forte com aquele que tem o mesmo nome. É um sinal de respeito e de consideração com aquela pessoa que está morta. Através do nome, a pessoa fica mais ligada à família e com aquele descendente em especial. Quando se ofende o vivo, no fundo também se ofende o antepassado que carrega o mesmo nome. A paz dos vivos também é a paz dos mortos. O nome tem uma marca, que marca a existência da pessoa na terra.

A **cerimônia de sacrifício** ocorre quando dentro da família não há paz. Alguns sinais são infertilidade, desunião (desagregação, ninguém se interessa pelo outro), produção ou colheita ruim, doenças na família. A família se junta para saber o que está acontecendo. Os Último Andar (19), 1-70, 2º Semestre, 2010 – ISSN 1980-8305

defuntos falam que querem *mhamba*. Há a necessidade de se fazer um sacrifício. Mata-se um animal. Os defuntos determinam qual o tipo de animal, de que forma deve ser morto, onde deve ser feita a cerimônia. É uma cerimônia, que diferente da outra, é cheia de prescrições, sendo que há a necessidade de que todas elas sejam seguidas rigidamente. São muitos os mandamentos e só mediante a cerimônia, a família tem paz novamente. Quem causa a falta de paz na família são os espíritos maus. Eles também têm suas exigências. Por vezes, inclusive, exigem altares. O que ocorre é que a pessoa contrai dívidas em vida, depois que aquele a quem se devia morreu, ele vingá-se na descendência. Essa dívida passa de geração em geração, até a quarta descendência. O problema se faz sentir. Às vezes, se faz necessário encontrar a casa do espírito. Através do som do batuque (tambor), chamam-se os indivíduos para se reunir em uma assembléia, que, se satisfeito, expressa sua alegria na população, por meio, por exemplo, da colheita, na volta da guerra. Há também danças, bater de palmas, quando algo se é dado, é uma forma de agradecimento e alarido (quando uma criança nasce é recebida com o alarido; também pode ser uma forma de comunicar uma má notícia).

O que vemos é que a *mhamba* cumpre funções importantes na vida religiosa, mas também na vida social, já que dentro da tradição *bantú* não existe separação entre elas. O que acontece é que tal culto ainda é executado em Maputo, sendo que, por mais que a modernidade tenha chegado, muitos fatos são explicados através da ação dos antepassados, que são reverenciados através da *mhamba*. Dentro de um mundo onde as coisas podem ser explicadas através de significantes pertencentes ao mundo invisível, o que podemos dizer sobre a relação entre vivos e mortos?

Considerações finais

Podemos levantar a hipótese de que a estratégia cultural utilizada pelos grupos de tradição *bantú* de Moçambique, no sentido de manter viva a tradição, é fruto de um processo de colonização e de guerra, que resultou na dispersão familiar com a saída do território. A tradição foi afetada pela colonização e pela guerra, pois a família ficou dispersa. Quando a família se espalha, há um esfacelamento de algumas estruturas da tradição, no qual certas coisas se desfazem. Afinal, as pessoas não convivem mais entre si, sendo que a pessoa acaba por não ter uma identificação própria, um grupo de pertença, tendo dificuldade em explicar

aquilo que é seu. Por outro lado, entendemos que os acontecimentos são dialéticos, imaginando que ao mesmo tempo em que coisas se desfazem outras vão sendo ressignificadas e reconstruídas, no caso, a forma como os vivos se relacionam com os defuntos.

Quando falamos a respeito dessa estratégia, que pode ser exemplificada pela relação entre defuntos e vivos -, podemos falar em convívio paralelo, isto é, tal como a tradição *bantú*, que faz com que o ser humano viva entre dois mundos – visível e invisível. Em Maputo a pessoa vive entre duas tradições: o formato dado à ressignificação cultural não nos fala sobre o próprio jeito de se viver? Não fala sobre o *ethos* moçambicano?

Como é que o senhor vê hoje, aqui em Maputo na cidade? O senhor acha que a tradição tá acabando? Como é que o senhor vê isso?

Ia, ainda é forte porque aqui na cidade de Maputo a juventude tenta ignorar, mas na família há pressão, sim, então há esta luta entre o velho e o novo, mas a tendência não é de retroceder, ia, tenta-se, exatamente, conciliar as duas coisas. Onde é forte a tradição, ainda é no campo, sim, é no campo porque aí, sim, está muito enraizada e pior com a fuga dos missionários depois do marxismo etc. que estava tentando explicar a população e entender, exatamente, os aspectos negativos da tradição que as famílias muito das vezes até chegavam a guerrear-se, não sei quanto, especialmente nesta questão de doenças e da morte, não sei que, então a Igreja tentava, exatamente, esclarecer que não há nada de pessoa que pode matar o outro senão, exatamente, chegado, o tempo do outro por um acidente qualquer, ia, e aí sim está forte, mas na cidade há esta luta. (T. entrevista, 14/07/09, Maputo)

Podemos entender que o formato dado à ressignificação cultural fale sobre o jeito das pessoas viverem e das práticas culturais escolhidos para interpretar a realidade. A mistura ou a interpenetração, que é bastante comum no Brasil, talvez diga respeito a uma estratégia cultural pensada em Maputo. Talvez pelo fato das pessoas se manterem em seu território, uma tradição não diaspórica, faz com que utilizem de recursos no sentido de preservar ou de proteger a tradição, mantendo-a implícita. Porém, parece haver uma mistura maior daquele que é estrangeiro. Observei um catolicismo que por se transforma para tentar converter. Há cultos tradicionais, mas a missa católica, já se mantém transformada sofrendo a interferência *bantú* nos cânticos e na liturgia, que são aspectos traduzidos. Assim é possível dizer que a vitalidade gerada pelos antepassados na vida do ser humano, talvez, também traga a vitalidade para a permanência da tradição. A idéia de que os mortos estão vivos faz com que não haja dúvida de que o espírito esteja lá e, portanto, as coisas se tornam explicáveis, as experiências vividas podem ser significadas, doando sentido a esta realidade. Agora, como Moçambique

entra culturalmente no século XXI e na pós-modernidade ainda é uma resposta a ser perseguida...

Referências bibliográficas

- ALTUNA, P. Raul Ruiz de Asúa. *Cultura tradicional banta*. Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1985.
- ASSMANN, Hugo; MATE, Reyes. *Sobre la religión*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1974.
- CIPIRE, Felizardo. *A educação tradicional em Moçambique*. 2ª ed. Maputo: Publicações Emedil, 1996.
- JUNOD, Henrique A. *Usos e costumes dos bantos: a vida dum tribo do Sul da África*. Versão da edição francesa. 2ª ed. s.c.: Imprensa Nacional de Moçambique Lourenço Marques, 1974.
- LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. Ed. revista e ampliada. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.
- LÖWY, Michael. Marx e Engels como sociólogos da religião. *Idéias*, Campinas, ano 3, n. 2, p.5-23, jul-dez 1996.
- MARTINEZ, Francisco Lerma. *O povo macua e a sua cultura*. Lisboa: Ministério da Educação – Instituto de Investigação Científica Tropical, 1989.
- MATTOS, Regiane Augusto. *História e cultura afro-brasileira*. São Paulo: Contexto, 2007.
- MELLO E SOUZA, Marina de. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2006.
- RIBEIRO, P. Armando, cm. *Antropologia: aspectos culturais do povo changana e a problemática missionária*. Maputo: Paulinas, 1998.